

CULTURA MATERIAL: ENTRE CENAS E FIGURINOS

MATERIAL CULTURE: BETWEEN SCENES AND COSTUMES

Nélia Cristina Pinheiro Finotti ¹

Resumo: Esse artigo tem como objetivo analisar as vestimentas que são produzidas pelo grupo Teatral Descanto, de Trindade Goiás, à luz da cultura material. O grupo iniciou suas atividades no ano de 1988 e, desde então, organiza os principais movimentos culturais da cidade, divulgando o Estado de Goiás em nível regional, nacional e internacional. São trabalhadas várias questões sociais que envolvem a comunidade trindadense, seja nos processos de construção das vestimentas, nas apresentações culturais ou na qualificação profissional para o mercado de trabalho. Pode-se considerar que essas vestimentas contribuem com a história, pois refletem padrões da sociedade de um tempo ou lugar. O estudo historiográfico da cultura material vem ganhando cada vez mais produções científicas, pois retratam relações cotidianas dentro das representações estabelecidas pelos vários grupos sociais. Nesse sentido, levanta-se o seguinte questionamento: as vestimentas do Grupo Descanto são apresentadas sob o prisma da cultura material? A metodologia abordada foi a pesquisa qualitativa com abordagem bibliográfica de fundamentação teórica em Barthes (2009, 2005); Barros (2013); Burke (2008); Lipovetsky (2003); Laver (1989); Braga (2006a, 2006b); e Viana e Bassi (2014); bem como a pesquisa de campo para o levantamento de imagens com vestimentas produzidas pelo grupo *in loco*. Os resultados apontam que as vestimentas são representações culturais e simbólicas dos aspectos regionais, religiosos e festivos de um povo, podendo ser vista como cultura material. A relevância desta pesquisa situa-se na perspectiva de fomentar reflexões que contribuam para uma melhor compreensão das vestimentas como representações culturais.

Palavras-chave: Vestimentas. Cultura material. Teatro.

Introdução

De que maneira o vestuário contribui para a história? Ele pode ser analisado como símbolo de uma época, ligado a vários setores da sociedade que, para além, é um fenômeno universal em constante transformação. Pode-se afirmar que a roupa faz parte do contexto social, histórico, cultural e econômico de um povo.

A roupa comunica algo do momento; é o ponto de junção de influências extremamente variadas que provém das técnicas de materiais, de estruturas sociais, de trocas e, portanto, de economia. E ainda: está fortemente ligada às imposições de uma sociedade, seja das diferenças sexuais, das atitudes psicológicas, das ideologias ou da política.

¹ Mestre em Ciências Sociais e humanidades pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Especialista em Docência Universitária, pós-graduada em MBA gestão executiva com ênfase em liderança e graduada em Design de Moda pela UNIVERSO. Graduada em Pedagogia pela FALBE. neliaueg@gmail.com. Participante do grupo de estudos GEFOP. Contato (62) 998085280. <https://orcid.org/0000-0002-4946-651X>

Neste contexto, nossa proposta de trabalho está centrada nos campos conceituais das vestimentas do Grupo Teatral Desencanto que atua na cidade de Trindade Goiás, a 27 quilômetros de Goiânia, desde 1987 e que circunscrevem os estilos, contextos históricos, culturais e simbólicos de uma determinada época da história. Para a análise, focamos na peça “Vida, morte e ressurreição de Jesus” (Via Sacra – Caminhada da Fé). O grupo atua há mais 30 anos, desde o marco de sua formação inicial e inserção na cidade de Trindade e, no decorrer desse período, passou a ser a principal atividade teatral da cidade, atuando em manifestações culturais e religiosas locais.

O artigo tem como objetivo analisar as vestimentas que são produzidas pelo grupo Teatral Desencanto, a luz da cultura material. Em pesquisa *in loco*, pudemos observar que o Grupo possui um acervo de obras de artes (esculturas, pinturas), figurinos, objetos de cenários, recursos cênicos e estrutura organizacional inigualáveis que foram construídas ao longo de anos de trabalho. O Grupo produz cenários polissêmicos por meio de uma linguagem de arte e de criação, fazendo representações culturais em que as vestimentas, os adereços, dentre outros elementos formem estilos culturais de um lugar, de uma época, de uma história, com atuações singulares do local e, por isso, permitem a construção de identidades e culturas plurais regionais do cerrado. A pesquisa demonstra a relevância do Grupo para a história do vestuário, pois este representa um objeto de estudo dentro da cultura material, em que podemos observar, dentre outros aspectos, o imaginário, o simbólico, as representações e as diversas formas de sociabilidades no processo de pesquisa e construção das vestimentas.

Para a análise teórica, foram utilizados os conceitos de moda e sua efemeridade de Lipovetsky (2003); a história da indumentária, da vestimenta e da moda para Laver (1989); a moda, a cultura e sua historicidade para Braga (2006a, 2006b); a abordagem de cultura, moda, vestimenta e indumentária de Barthes (2009, 2005); as contribuições sobre teatro e traje de cena de Viana e Bassi (2014); e a construção de aportes advinda dos discursos sobre cultura material de Barros (2013) e Burke (2008); também a discussão de cultura popular de Bakhtin (2013).

A metodologia da pesquisa foi centrada nas abordagens qualitativa/interpretativa e pesquisa bibliográfica e de campo. O objeto do estudo é o Grupo Teatral Desencanto de Trindade, Goiás, com delimitação na peça “Vida, Paixão e Morte de Jesus Cristo” (Via Sacra-Caminhada da Fé). Dentre os procedimentos, buscamos a autorização para a realização da pesquisa com submissão ao Comitê de Ética para a produção de documentos de consentimento da instituição (grupo teatral Desencanto) e dos sujeitos envolvidos. Foi realizado um

levantamento de dados por meio de três instrumentos distintos: I- Imagens das vestimentas produzidas pelo grupo *in loco*; II - observação e registros fotográficos dos processos de construção dessas vestimentas, para análise; III - entrevista do diretor Amarildo Jacinto. Foram três etapas distintas: I – seleção da bibliografia para a análise de textos e ilustrações com o objetivo de traçar um paralelo entre os autores e a realidade do Grupo; II – análise imagética das vestimentas em fotos do acervo do Grupo; e III – entrevista com o diretor de arte do Grupo. Ressaltamos que a análise dos dados se deu ao longo do processo e todas as informações foram analisadas à luz das teorias que sustentam a pesquisa.

Neste artigo, discorreremos sobre moda, indumentária, vestimenta e traje de cena; apresentamos o conceito de cultura material; e, ao final, decoremos a historicidade do grupo, especialmente a peça “Vida, Paixão e Morte de Jesus Cristo” (Via Sacra – Caminhada da Fé), bem como os resultados da pesquisa, quando buscamos, na perspectiva da peça mencionada, a observação e a análise das vestimentas para saber se são apresentadas sob a luz da cultura material.

Grupo Teatral Desencanto

O Grupo Teatral Desencanto atua na cidade de Trindade, Goiás, reconhecida na mídia nacional e internacional como um dos principais santuários de romaria em devoção ao Divino Pai Eterno no Brasil. Essa romaria concentra no local milhares de devotos nos meses de junho e julho, quando os fiéis participam dos ritos e rituais de fé, em homenagem à Santíssima Trindade.

Em 1986, teve início a formação do grupo, liderado por jovens idealistas e tendo como principal agente Amarildo Jacinto. Após várias tentativas frustradas de apresentarem seu trabalho, o grupo faz sua estreia em 05 de fevereiro de 1988, com as peças “O Despertar” e “Por Ironia do Destino”, marcando de forma incisiva sua presença na cidade. A saber, “Despertar” é uma peça muda que tem como finalidade despertar, conscientizar o homem sobre os problemas da ecologia com uma defesa do meio ambiente utilizada na abertura do espetáculo com cinco minutos de duração. “Por Ironia do Destino”, a peça principal, é um drama com uma hora e vinte minutos de duração e conta a história de um senhor que vem do Nordeste para procurar seu filho. No percurso, sofre um acidente, fica cego e, sem expectativas de emprego, torna-se um pedinte, fixando ponto em frente a um hotel cinco estrelas, cujo nome era Edson

Palace Hotel. Edson, o dono do hotel, ao saber que havia um pedinte ali em frente, manda bater no velho e expulsá-lo. Como o velho não sabia que havia uma rede de hotéis, acabou indo pedir em frente a outro hotel do mesmo dono. Por ironia do destino, os hotéis eram do filho do pedinte que este veio procurar e, quando ambos se descobrem, o pai morre nos pés do filho, e este com remorso, doa os bens para uma instituição de amparo aos cegos.

A partir desta inserção na comunidade, o Grupo Desencanto passa a ser uma associação formada pelos componentes do grupo, trabalhando para a comunidade e junto com ela, realizando os principais movimentos culturais da referida cidade. Atualmente, o Grupo Desencanto possui uma grande sociedade cultural diversificada, ou uma interculturalidade, em que mais de 1.200 (um mil e duzentas) pessoas estão envolvidas no trabalho de fazer arte, cultura e resgate do ser humano.

A partir da Associação, o grupo passa a oferecer à sociedade cursos, oficinas de teatro, dança, escultura e pintura. Também são desenvolvidos pelo grupo os textos, as criações e a produção dos cenários e das vestimentas. Há uma rede de sociabilidade que envolve toda a comunidade e, no momento de construção e participação das peças, observa-se que as pessoas se tornam iguais, ou, seja, não há diferenças de raça, religião, cultura ou poder aquisitivo. Assim como Bakhtin (2013) descreve que outra característica desses espetáculos públicos é a sua capacidade de romper as barreiras sociais. Durante os festejos, a alienação e as diferenças hierárquicas desaparecem e as pessoas têm liberdade para fazer e dizer o que querem.

É importante notar que o grupo tem um papel cultural fortemente intrínseco na sociedade trindadense, assim como Bakhtin (2013) nos esclarece em sua observação ao longo da obra “Rabelais” sobre a relevância da cultura popular como possibilidade de romper as barreiras sociais a partir das festas populares e do destronamento das instituições de poder. A cultura popular ou a cultura do povo atua de forma a estabelecer um diálogo igualitário com a cultura hegemônica da burguesia, da cultura oficial a partir dos ritos populares.

O Grupo Desencanto traduz arte e cultura por meio das encenações que são representadas por figurinos que são considerados dentro do contexto como vestimentas. Assim, a pesquisa busca fazer uma análise das concepções de moda, estilo e vestuário, em uma dada construção de expressão cultural, em que todo o sistema envolvido na elaboração das vestimentas pelo grupo é agregado de conceitos, significados e estilos, sendo esta representação específica uma releitura histórica, compreendida por alguns e questionados por outros. Nesse panorama cultural, a vestimenta pode ser definida como sendo uma forma de expressão e Hall

(2006) discute que a constituição da identidade acontece na relação com as pessoas que mediam os valores, sentidos e símbolos, ou seja, a cultura que o ser humano reinventa.

Diante das diversidades teatrais que o grupo possui, delimitamos para esta análise a peça Vida, Paixão e Morte de Jesus Cristo que é apresentada desde 1989, sendo um dos maiores espetáculos do país, realizado na Rodovia GO-060, conhecida como Rodovia dos Romeiros, situada entre Goiânia e Trindade. A encenação contém cenários gigantescos e é realizada em um palco inusitado, contendo 7 estações em 14 painéis pintados pelo artista goiano Omar Souto, ao longo de 17 km da rodovia. Os painéis foram construídos um ao lado do outro e, em cada estação, são realizadas as apresentações do grupo sobre as passagens da vida, paixão e morte de Jesus Cristo, conforme se observa na Figura 01.

Figura 01- Painéis da via-sacra - 2019



Fonte: acervo da autora 2019

Os painéis ganham um novo cenário, ou seja, o grupo faz toda a montagem dos elementos da época para que o público possa se sentir parte do espetáculo. Também há comoção do público ao presenciar uma encenação tão real da vida de Jesus. Observou-se, *in loco*, que tanto os autores como os espectadores se emocionam com o espetáculo. As cenas acontecem na Sexta-feira da Paixão, com cerca de 600 atores, figurantes e técnicos e contam uma diversidade de pessoas que compõem a encenação, dentre elas: atores, bailarinos, músicos, artistas plásticos de diferentes faixas etárias, nível de escolaridade e classes sociais. Com atores

do povo para o povo, encenando em uma mistura de arte e fé, como relata, em entrevista, o diretor de arte Amarildo Jacinto “esta forma de encenação é única no mundo”.

Figurinos e cenas

As vestimentas apresentadas pelo Grupo Desencanto podem ser compreendidas sob o prisma da cultura material, assim como apresenta Pesavento (2008, p.15), “a cultura é uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica”, ou seja, a encenação da via sacra pelo Desencanto apresenta estes elementos de uma história a ser contada de forma real e simbólica. Ainda colabora Pizza (s/a, *apud* PEZZOLO, 2009), a moda leva em conta colagem de aprendizados e rupturas de um determinado tempo ou lugar, neste sentido a moda não é um arquivo morto, mas pode ser uma forma da arte sequencial, uma projeção emblemática da vida, um análogo visual do tipo experiência comum que se baseia nos fatos sociais, sempre fluindo através dos tempos. Assim, é possível dizer que o Grupo Desencanto representa estas características próprias no figurino, pois trabalha em um contexto artístico em seu processo criativo. Ainda, é possível compreender que a moda nos possibilita subsídios, como Oliveira e Castilho (2008) nos lembra, para a construção de um figurino já que como crônica diária de representação dos corpos na vida social pode fomentar e subsidiar a codificação do figurino em um contexto narrativo artístico ou cultural com tempos e espaços determinados.

Os trajes de cena são recursos utilizados para tornar mais clara a encenação, seja ela temporal, histórica, lúdica, futurista, etc., assim como relata Viana e Bassi (2014, p. 11):

o traje de cena é definido como a indumentária das artes cênicas”. O termo é mais amplo que traje teatral, pode abranger trajes de teatro, dança, circo, mimica, performance, shows e espetáculos. [...] O traje de folguedo é a indumentária usada nas festas, nas brincadeiras de caráter popular, entra aqui os trajes folclóricos, festas populares cristas, afro-brasileiras e ibéricas.

O figurino pode estar entre estas categorias que traduzem os autores, pois os figurinos do grupo podem estar nessas categorias acima, uma vez que é notável a representação histórica, cultural, os modos de organização e produção de imagens que ganham significados socioculturais e de representação das raízes de pensamentos mágico religioso, de valores e hierarquias sociais, de sonhos e projeções que se consolidam no imaginário e que se revelam, nos elaborados trajes e adornos como modos de narrar e representar histórias e valores. Nesta mesma direção, Thompson (1998) descreve que, na memória, esses costumes podem ser

descritos como visíveis, e estão codificados de alguma forma ou podem ser justificados com exatidão. A indumentária, vestimenta, moda ou figurino nos possibilita conhecer parte da nossa história, dos valores de nossa cultura e estas são manifestações democráticas de como se pensa, age e vive a sociedade, transformando-se na identidade de um povo, ou seja, tornando-se a cultura de uma comunidade ou grupo. Isso pode ser percebido durante os 17 quilômetros de encenação do Grupo Desencanto quando o grupo não atua somente nos painéis, mas fazem a caminhada da fé juntamente com os expectadores e, neste momento, misturam-se os atores e os público.

Foi observado, *in loco*, que os atores, desde a primeira estação até a sexta, fazem encenações nos painéis e vão alguns a pé e outros são levados por ônibus, sendo que este ônibus se torna o camarim dos atores que, durante a encenação, perpassam por vários personagens. Da sexta à sétima estação, sendo que nesta a última acontece a morte de Jesus, os atores caminham durante todo o tempo com a personagem Jesus levando cruz, sendo que, durante o percurso, muitos oferecem para levar a cruz. A peça é vista por muitos como uma questão religiosa, inclusive como sendo realizada pela própria Igreja Católica. Porém, para o grupo teatral tudo é arte e cultura, como descreve Amarildo Jacinto “fazemos teatro, arte e cultura”, ou seja, estamos representando o tempo todo. A Figura 02 mostra um dos momentos da encenação e caminhada ao longo da Rodovia.

Figura 02- A caminhada da fé pelos 17 km da rodovia em 2019



Fonte: acervo da autora 2019

Percebemos que, na caminhada da fé, as vestimentas produzidas se constituem como bens culturais que se revelam por simbologias sagradas ligadas a fé cristã. A construção desses bens se revela por suas estéticas singulares e diversificadas, tornando as vestimentas apresentados pelo grupo um estilo multiplural do campo das artes.

A história nos possibilita uma visão da importância que o vestuário assumiu ao longo dos séculos e dos papéis representados pela moda na cultura e nos valores predominantes em cada momento. Segundo a bíblia, os historiadores e os antropólogos, os motivos pelos quais a humanidade adotou o uso de vestimentas foram o pudor, a proteção e o adorno. Porém, estes aspectos são considerados, na história da moda, em todos os momentos, cada um à sua maneira, como a evolução da moda ao longo dos séculos e décadas. Neste contexto, podemos ainda levar em consideração que o ato de vestir é também um ato de significação e comunicação.

Braga (2006a, p.16) nos elucida que, “não quero entrar no mérito das técnicas e dos estilos empregados em cada época, mas de como um objeto da cultura material é capaz de comunicar por meio de uma linguagem não-verbal”. A sensibilidade, o olhar humano, a fé e a arte, durante o espetáculo, fazem a caminhada da fé se tornar uma mistura de cultura e devoção que resultam em arte.

Cultura material sob o prisma do Desencanto

Em 2019, foi realizada a trigésima edição da vida, paixão e morte de Jesus Cristo em que a riqueza das vestimentas se caracteriza como a busca da interpretação ser o mais real possível com a época que é representada. Estas podem ser visualizadas por meio das formas, cores e estrutura das vestimentas. Braga (2006b) discute que uma forma de identidade visual fundamentada em valores estéticos pode ser caracterizada por uma maneira específica de combinações de formas, volumes, materiais, cores, padrões e elementos ornamentais de uma determinada época e de uma cultura. Neste argumento, o autor traz que “ao longo do processo histórico, o ornamento pode nos servir como elemento narrativo da própria história da humanidade” (p.15). Pode-se verificar que a vestimenta carrega consigo uma história, uma memória, um valor simbólico, que nos serve de narrativas de uma época.

Pode ser percebido nos figurinos elementos a demonstração de uma cena da burguesia romana, principalmente pelos materiais e as cores representadas. Apenas Jesus é apresentado em uma túnica branca, ou seja, suas vestimentas não estão em conformidade com os demais. Esta cena retrata o momento em que Jesus é levado para seu julgamento por Pilatos que traz um discurso que demonstra a importância das vestimentas desde aquela época ao dizer “se és um rei, não estás vestido como tal”, solicitando que coloquem sobre ele uma túnica que represente o rei, ou seja, uma capa de tom púrpura com dourado, simbolizando poder, como se percebe na Figura 03.

Figura 03– Caminhada da fé 2019



Fonte: acervo da autora 2019

As vestimentas apresentadas pelo Grupo Desencanto na Figura 03 trazem a fidelidade ao contexto histórico, porém as cores são mais vivas e os tecidos mais leves. É notável verificar esta dicotomia da época em que se passa a história da Paixão de Cristo, pois os tecidos eram mais rústicos e pesados e as cores eram em tons mais pasteis ou cru. As cores vivas eram utilizadas pela nobreza, como apresenta a Figura 03. Ainda, é perceptível que nos figurinos dos soldados os materiais são pesados e rígidos, ao que se percebe que o grupo busca, por meio dos materiais existentes na contemporaneidade, traduzir os elementos reais da época.

Em entrevista, o diretor Amarildo Jacinto, quando questionado sobre os materiais utilizados para as vestimentas, justifica que “as cores e os matérias são voltados para a regionalidade local, ou seja, do cerrado, onde o clima é quente, sendo necessário materiais mais leves”. As cores seguem uma simbologia, sendo as mais fortes, como vermelho com branco que simboliza o bem; já o vermelho com o preto, o mal. Na figura 04, há uma representação do mal, em que Judas é tentado pelo diabo a entregar Jesus, e logo após ele é levado ao suicídio aqui representado pelo diabo que vem busca-lo. O diabo aqui é representado todo com vestimentas pretas e maquiagem que traduzem este momento do mal, os espíritos maus estão todos de vermelho, numa cena em que se representa a tentação e os espíritos maus por meio das vestimentas, ou seja, a cor vermelha com o preto significa a passagem de momentos ruins, assim

como as máscaras e a maquiagem, para além da encenação. Ainda é notável uma vestimenta branca com detalhes em vermelho que representa o bem, ou seja há um intercessor junto aos espíritos maus para que possam deixar Judas em paz.

Figura 04 – Caminhada da fé de 2019



Fonte: Acervo da autora (2019)

Amarildo Jacinto relata que “a própria vestimenta e a cor retratam esta questão histórica bíblica do mal, do ruim”, como se apresentada na Figura 04. Nessa figura, é possível ver um figurino do bem e do mal, em que as pessoas conseguem reconhecer pelo fato da forma e da cor, e claro da representação, sem deixar de demonstrar o contexto histórico e social da época. É possível observar que o grupo muda a estrutura cultural existente na cidade, no estado, e quiçá no país.

Ainda em relato, Amarildo Jacinto traz que “a cultura de um povo se mede pelo esforço, se a cultura está adormecida ou esquecida cabe a nós, mudar esta situação, não queremos viver como nossos pais, que não tiveram a chance de lutar por um desenvolvimento cultural digno de nosso povo. É evidente que os figurinos representados pelo grupo estão em conformidade com o discurso de Viana e Bassi (2014) quando afirmam que há muitas variantes em relação ao seu entendimento e concepção, pois há muitos estilos e possibilidades. Nesse contexto, é notável a diversidade de estilos, formas, cores e elementos de figurinos, acessórios e cenários desenvolvidos pelo grupo, mas a representação histórica de uma época está sempre marcada por meio da vestimenta.

Amarildo Jacinto, relata que “todos os textos, por exemplo, a caminhada da fé ou que sejam as montagens teatrais, não se copiou de absolutamente nada. Criou-se a partir da história bíblica, todas as criações do ano de 2018 foram feitas a partir do evangelho de Lucas; no ano de 2019 foi utilizado o texto bíblico de todos os evangelhos, com fortes bases em Lucas. Porém, foi utilizada uma linguagem mais contemporânea para que as pessoas possam entender melhor, damos vida ao personagem da história”.

As vestimentas, enquanto bens culturais e simbólicos, são signos das realidades representadas, e são observados o simbolismo e os ritos apresentados nas vestimentas do grupo, principalmente na Caminhada da Fé em que se representam os símbolos judaicos. Na estola judaica com os símbolos que representam os 7 dias em que deus criou o mundo, a fartura, a menorah e a pureza. Por meio da imagem, verifica-se a riqueza de elementos de épocas que o Grupo Desencanto traz para a encenação, assim como pode ser visualizado na Figura 05.

Figura 05 – Caminhada da fé 2019



Fonte: Acervo do grupo Desencanto (2019)

Além da produção dos símbolos imagéticos presentes nas vestimentas, as roupas se tornam elementos artísticos e estéticos. Os acessórios utilizados pelos personagens complementam as vestimentas, tomando-as mais fáceis de serem compreendidas, pois são a apresentação de um todo, ou seja, a vestimenta, os acessórios e o cenário, compõem os elementos representativos da época, assim como apresentado na Figura 05.

É perceptível que a criação e produção das vestimentas presentes em cada festa organizada e representada pelo Grupo Desencanto podem representar originalidade aos estilos por eles apresentados. Os figurinos ultrapassam os conceitos de moda, roupas, artefatos e cenários, e assumem os sentidos de estilo e identidade própria do grupo. Ainda podemos observar que

neste universo dos vestíveis, vamos aplicar só a palavra “estilo” [...], estilo seria a subjetividade, a visão pessoal de um artista que o qualifica como tal e o identifica como criador. [...] O estilo traz em si um caráter mais sólido, ao passo que a moda é impermanente, é transitória (BRAGA,2006b, p.19).

A partir deste argumento, torna-se necessário compreender a palavra moda que, para Palomino (2003, p. 14), “[...] é um sistema que acompanha o vestuário e o tempo, [...] em um contexto maior, político, social, sociológico”. Nesse mesmo diapasão, Joffily (1991 apud TREPTOW, 1999, p. 27) descreve a moda como “um fenômeno social ou cultural, de caráter mais ou menos coercitivo, que consiste na mudança periódica de estilo, e cuja vitalidade provém da necessidade de conquistar ou manter uma determinada posição social”. O grupo busca manter viva uma história e traz mudanças dentro de seu estilo que refletem como um grupo se posiciona entre os demais.

Treptow (1999, p. 19) questiona “o que a roupa reflete sobre a cultura de um povo? Por que nos vestimos diferente de nossos antepassados? Como a sociedade se retrata através da roupa?” Como resposta a estes questionamentos, podemos compreender que a moda é uma representação cultural e social de uma época em tempos históricos. Assim, como descreve Godart (2010), a moda pelo fato de surgir de articulações no centro da dinâmica social, contribui para compreendermos os fatos sociais, em vez de vê-la como um epifenômeno superficial do vestuário. O Grupo Desencanto traz uma representação cultural e social em suas encenações, sendo conhecidos pela diversidade de peças que refletem uma época, um povo, uma cultura, ou pura e simplesmente, representam um contexto histórico, seja ele religioso ou não, de forma clara e objetiva, em que se acredita haja a reflexão da educação que é contada por meio de seus

figurinos. Estes vão sendo construídos por meio de muitas pesquisas, signos que se ligam e interligam aos tipos de criação, formas, linhas, silhuetas, modelagens, aviamentos, tecidos, cores e superfícies bordadas.

A partir da análise das vestimentas, podemos relatar que o Grupo Teatral Desencanto traz em seu contexto histórico uma leitura do passado; conta esta história com muita harmonia entre o velho e o novo, como relata o diretor Amarildo quando afirma que sempre há um trabalho entre a história e a contemporaneidade, ou seja, uma releitura do passado, trazendo a cultura de um povo, de uma época.

Neste contexto, os acontecimentos históricos refletem a maneira de vestir de uma sociedade que, por meio da história da moda, pode acompanhar a evolução da humanidade no tempo e no espaço, como períodos de guerra, recessão, riquezas, medos e alegrias; tudo é identificado por meio da análise da vestimenta. Nesse sentido, a moda é um fator determinante de uso ou costume em vigor durante alguma época, ou seja, todas as fases vivenciadas pela humanidade podem ser vistas pelo prisma da vestimenta de um povo. O vestuário, seja ele um elemento de moda, uma vestimenta popular ou mesmo um traje de cena, traz consigo uma carga de características repletas de elementos culturais e variedades de comunicação, sejam claras ou ocultas, que vão se construindo por meio da linguagem do vestuário.

Para Braga (2006a), o ser humano foi capaz de atribuir valor simbólico e mágico e aquilo que usava passou a ter significado, uma espécie de comunicação, seja pela sua função, valor, estética, simbólico, pela necessidade e, mais posteriormente, por um valor material. Este possui um objetivo final, cobrindo-se de elementos decorativos. Em uma peça teatral, é possível compreender a história por meio do figurino, ou por parte dele. O Desencanto busca utilizar estes figurinos como base para suas encenações, pois não possuem muitos recursos, sejam financeiros ou tecnológicos para utilizar na representação de suas peças.

O grupo busca, sobretudo na pesquisa de figurinos para suas peças, a concepção de vestuário que é apresentada em suas mais diversas variações, em diferentes partes do mundo, e essas variações ocorrem porque os indivíduos usam esses figurinos por motivos distintos e utilizam materiais e técnicas variadas em sua confecção, seguindo padrões diversos de tradições de vestuário. Diante desse cenário, o vestuário, utilizado como fusão entre o corpo e a cultura, tem diversas funções, cujas origens são complexas. É notável que os acontecimentos históricos refletem na maneira de vestir das pessoas, ou seja, as fases vividas pelo homem influenciam suas vestimentas.

O vestuário passou por transformações e adaptações ao longo do tempo e as técnicas para utilizar a pele de animais foram aprimoradas, chegando até a descoberta da fibra quando começou a se desenvolver o vestuário mais elaborado. A partir das novas tecnologias existentes, tornaram-se infinitas as possibilidades de construção da vestimenta, com a possibilidade de uso de materiais diversos e isso fez com que a vestimenta ganhasse um valor estético e simbólico dentro das civilizações. Os modelos foram mudando de comprimento, alguns mais adornados e outros mais simplificados. Portanto, o vestuário – por ser íntimo ao homem e estar estritamente ligado às suas necessidades – tornou-se um meio de comunicação de grande impacto na vida das pessoas (LAVÉ, 1989). É neste contexto que o Grupo Desencanto busca suas transformações e adaptações em seus figurinos, uma vez que há uma infinidade de materiais e peças, sejam do vestuário, acessórios ou cenários que são utilizados, reutilizados, reaproveitados e reciclados para variadas peças por eles encenadas. Estas vestimentas comunicam a história por elas representadas.

A vestimenta pode ser vista e contada por meio da história de várias formas, assim como descreve Barthes (2009), podemos distinguir dois diferentes tipos de vestimenta, ou seja, o primeiro é o que se apresenta fotografado ou desenhado e é um vestuário imagético; o segundo é o mesmo vestuário, mas descrito, transformado em linguagem. Esses dois vestuários remetem, em princípio, à mesma realidade, mas não tem a mesma estrutura, pois não são feitos com o mesmo material e, por conseguinte, esses materiais não tem as mesmas relações entre si, posto que em um os materiais são formas, linhas, superfícies, cores, e a relação é espacial; em outro, são palavras e a relação, se não lógica, é pelo menos sintática. A primeira estrutura é plástica e a segunda, é verbal. Podemos compreender esta analogia de Barthes (2009) como sendo uma vestimenta que conta uma história, sendo apresentada em uma peça teatral, ou esta mesma história sendo apenas descrita em um livro, ou ainda esta história sendo apresentada somente por sua imagem, seja desenhada ou fotografada. Qual seria a melhor compreensão desta história para quem a vê? É neste sentido que o Grupo Desencanto apresenta sua história em representações históricas e culturais, buscando, por meio do teatro, disseminar conhecimentos à comunidade, de forma mais clara e objetiva.

Assim como questiona Barthes (2009, p. 21) ao analisar que “acaso seria possível pensar, pelo menos, que esses dois vestuários encontram identidade no nível do vestuário real que eles supostamente representam, que o vestido descrito, fotografado são idênticos através do vestido real ao qual ambos remetem?”. Para o Grupo Teatral Desencanto é possível

compreender a moda através dos tempos históricos e, desta forma, dar oportunidade a todos, pois a encenação da Vida, Paixão e Morte de Jesus Cristo é encenada na rodovia, onde qualquer cidadão que tenha interesse pode estar presente; não há diferencial de classe social, apenas estar presente e poder ver e refletir sobre a nossa história por meio dos figurinos por eles apresentados.

Assim, dentro do estudo da cultura material, o Grupo Desencanto, por seus figurinos, possibilita o conhecer da história por meio das vestimentas. Assim como é apresentado por vários pesquisadores, a indumentária conta a história do surgimento do homem, desde que surge na pré-história com o uso de peles de animais até outros povos não cobriam o corpo, mas alguns destes usavam enfeites diferenciadores de posições sociais. Para Barthes (2005), até o início do século XIX, não houve história da indumentária propriamente dita, mas apenas estudos de arqueologia antiga ou recensões de trajes por qualidade. A história da indumentária tem origem essencialmente romântica: era feita para fornecer a artistas, pintores de época ou teatrólogos os elementos figurativos. A vestimenta não era considerada por muitos pesquisadores como fonte de pesquisa. Como pontua Lipovetsky (1989), o vestuário fora do seu uso cotidiano pode receber vários adjetivos, porém não pode ser considerado como algo insignificante ou meramente inocente, pois nunca estará sozinho, trazendo consigo objetivos a serem atingidos.

Burke (2008) descreve que de acordo com a tradição, os historiadores culturais atribuíam menos atenção à cultura material que a outros conceitos, deixando aquele campo aos historiadores econômicos. Somente a partir dos anos de 1980 a 1990 que alguns historiadores se voltaram para o estudo da cultura material, passando a pesquisar objetos para a história da roupa, por achar que elas dizem muita coisa sobre as civilizações. Sobre isso, Burke (2008, p. 92) afirma que “escolher uma roupa era escolher um papel naquilo que o historiador chama de ‘teatro indumentário’ da época”.

Para Pesez (1990, *apud* GOFF, 2005), a moda dentro da cultura material é um fenômeno eminentemente social. Não é um fenômeno de todos os lugares, pois surge no século XIV e espera o século XVIII para chegar aos campos para que elas se petrificassem como indumentária regionais. Enfim, a história do vestuário é feita de um grande número de peguemos fatos, nos quais é bastante difícil perceber o essencial, tais como: o aparecimento da vestimenta que valoriza as formas do corpo masculino e feminino; a distinção entre a roupa externa e a de baixo; e vários outros fatores. Nesta vertente, podemos verificar como a moda é

apresentada nos livros de história, e contada através dos séculos, sendo que após os anos de 1990, passa a ser uma multiplicidade de estilos e formas muito efêmera.

Como compreender as vestimentas como cultura material? Podemos analisar o conceito de cultura de acordo com Silva (2017) quando afirma que a cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo, ou seja, em outras palavras, a cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano material ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças. O autor traz ainda que cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica, pois “toda cultura tem uma história própria, que se desenvolve de forma particular e não pode ser julgada a partir da história de outras culturas” (p. 85)

Para Barros (2013, p. 30), “a história da cultura material estuda os objetos materiais em sua interação com os aspectos mais concretos da vida humana, desdobrando-se por domínios históricos”. Dentro da cultura material, o historiador não pesquisa apenas os tecidos e objetos da indumentária, mas analisa os modos de vestir, as oscilações da moda, as variações conforme os grupos sociais, as demarcações políticas que, por vezes, colocam uma determinada roupa que os indivíduos de certas minorias podem ser obrigados a utilizar em sociedades que aproximam os critérios da “diferença” e da “desigualdade” (BARROS, 2013).

O Grupo Desencanto tem um acervo de figurinos que pode ser analisado e pesquisado por várias vertentes, como histórica, material e estética. Como descreve Amarildo em uma de suas entrevistas, os figurinos são desenvolvidos por meio de muitas pesquisas, para que se possa demonstrar o mais próximo possível do tema a ser apresentado. Ainda nesta vertente, Garcia e Miranda (2005) afirmam que as mudanças na moda não são arbitrárias como alguns autores dizem, mas são um sinal externo e visível de grandes alterações sociais e culturais. Assim, quando o Grupo Desencanto opta por mudar a cor ou um detalhe do figurino, essa mudança possivelmente foi realizada por influência externa, talvez de um filme que fez sucesso ou de uma descoberta histórica do tempo de Cristo, ou mesmo por uma releitura do passado.

As vestimentas produzidas e apresentadas pelo grupo teatral Desencanto em suas performances, são consideradas bens culturais, ou seja, dentro do prisma da cultura material, pois são considerados patrimônio cultural concreto e palpável da comunidade, estes caracterizam a história da região. Neste contexto apresentam uma composição formada pela vestimenta, acompanhada dos acessórios, penteados e cenários na qual estes elementos foram

usados em uma determinada época da história, estes são dados suplementares que fortalecem a história a ser apresentada.

Neste artigo, foi apresentada algumas imagens do acervo do grupo teatral Desencanto, na qual é notável que após relatos, histórias de vida, leitura de imagens e de objetos, estes possam contribuir para o estudo histórico regional, cultural e social desta comunidade.

Considerações Finais

Ao ponderar a história do Grupo Desencanto e a predominância do conteúdo da peça analisada, é perceptível uma identidade cultural e social por meio das vestimentas. Com suas representações teatrais, o grupo ousa inserir uma cultura que perpetue e possa ser repassada de geração a geração, trazendo para a realidade as coisas que seus antepassados viveram durante suas vidas e as vidas de outras pessoas como memórias resgatadas.

A identidade cultural do grupo é regional e preza por representar sua cidade e a cultura da fé envolvida na história. Para tanto, a associação se mantém da arte sacra, ou seja, é possível compreender que as pessoas têm necessidades de vivenciar seus antepassados, cultivar a história e a fé de um povo. Com foco na pesquisa, a maior representação cultural do grupo é a encenação da vida, paixão e morte de Jesus Cristo que acontece anualmente para todos os religiosos que buscam a cidade devido a cultura da fé.

O Grupo Teatral Desencanto transmite em suas vestimentas uma época, um povo e uma história. É por meio do figurino que a mensagem da caminhada da fé, entre outros trabalhos, é comunicada. E para além, a história é recriada por várias vezes e apresentada à sociedade, trazendo lembranças e fazendo com que as pessoas experimentem sensações e emoções que somente por meio da arte e da cultura são capazes de serem suscitadas. Isso pode fazer com que se sintam ou se vejam como partícipes da história que é contada de várias formas, com várias cores e diversificados estilos, sejam uma releitura do passado com aspectos de modernidade.

Podemos ainda, prematuramente, dizer que o Grupo Teatral Desencanto tem identidade cultural própria em suas representações via vestimentas, tanto pela construção de seus figurinos, acessórios e cenários, como fortemente retratados nas cores, materiais e formas diferenciadas por eles representados. Então, infere-se que as vestimentas do grupo podem ser e pesquisadas e analisadas sob a luz da cultura material.

Essas vestimentas produzidas e apresentadas pelo grupo Desencanto se configuram sob o prisma da cultura material, pois por meio das vestimentas o grupo traz a memória e a história, contada e apresentada à comunidade. Após uma análise preliminar, pode-se inferir que as vestimentas que são produzidas pelo grupo Teatral Desencanto são uma fonte rica de pesquisa para a cultura material.

Abstract: This article aims to analyze the clothes that are produced by the Teatral Group Desencanto, from Trindade Goiás, in light of material culture. The group began its activities in 1988, and since then it organizes the main cultural movements of that city, culturally promoting the State of Goiás at regional, national and international levels. It works with various social issues, involving the community of Trindade, whether in the process of construction of clothing, in cultural presentations, or in professional qualification for the labor market. It can be considered that these garments contribute to the history because they reflect patterns of society, of a time or place. The historiographical study of material culture has been increasing scientific productions, since they portray daily relations, within the representations established by the various social groups. In this sense, the following question is raised: Are the dresses of the Group Desencanto presented by the prism of material culture? The methodology was qualitative research with bibliographical approach, coming from the contributions of Barthes (2009, 2005), Barros (2013), Burke (2008), Lipovetsky (2003), Laver (1989), Braga (2006a, 2006b) and Viana Bassi (2014) and also a survey of images with clothes produced by the group in locus. The results show that the garments are cultural and symbolic representations of the regional, religious and festive aspects of a people, and can be seen as material culture. The relevance of this research lies in the perspective of promoting reflections that contribute to a better understanding of clothing as cultural representations.

Keywords: Clothes. Material culture. Theater.

Referências

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

BARTHES, Roland. **Imagem e moda**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005. V.3

BRAGA, João. **Reflexos sobre Moda**. São Paulo: Amhemi Morumbi, 2006a. V. 3.

BRAGA, João. **Reflexos sobre Moda**. São Paulo: Amhemi Morumbi, 2006b. V. 4.

BAKHTIN, Mikhail. M. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. de Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução Sergio Góes de Paula. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GARCIA, Carol. MIRANDA, Ana Paula. **Moda é Comunicação**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

GODART, Frédéric. **Sociologia da moda**. Tradução de Lea P. Zylberlicht. São Paulo: SENAC São Paulo, 2010.

GOFF, Jacques Le. **A história nova**. Tradução Eduardo Brandão. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomas Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAVER, James. **A roupa e a moda: Uma história concisa**. São Paulo: Schwarcz, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

OLIVEIRA, Ana Claudia de; CASTILHO, Kathia. **Corpo e Moda: por uma compreensão do contemporâneo**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

PALOMINO, Erika. **A moda**. São Paulo: Publifolha, 2003.

PEZZAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História cultural**. Belo horizonte: Autêntica, 2008.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Por dentro da moda: definições e experiências**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2009.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 3. ed., 6 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

THOMPSON. E.P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TREPTOW, Doris. **Inventando moda: planejamento de coleção**. Brusque: D. Treptow, 2013.

VIANA, Fausto e BASSI, Carolina (Orgs.). **Traje de cena: traje de folguedo**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.